

## MANIPULAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA ÁFRICA NEGRA NA IMPRENSA BRASILEIRA

Solange M. Couceiro de Lima\* e  
Maria Aparecida Baccega\*

**RESUMO:** A visão do continente africano no imaginário brasileiro hoje é levantada pelas autoras através de uma pesquisa feita em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, a propósito da participação africana no Campeonato do mundo de Futebol de 1990.

**UNITERMOS:** África/Brasil, África/Imprensa, África/Manipulação da identidade

Desde os primeiros contatos entre homens de diferentes culturas, muito antes de cogitar-se numa ciência para estudar essa questão, o outro sempre foi visto como uma aberração. Na Antiguidade era o bárbaro, aquele que não tinha linguagem humana; na descoberta do Novo Mundo, ao se defrontar com a alteridade, o mesmo questionamento se coloca: seriam humanos os seres das novas terras?

A ampliação da variedade de povos desconhecidos e a intensificação do contato produzem duas tendências nos discursos sobre o outro: uma que recusa o estranho e enaltece a própria sociedade; a outra, manifesta fascínio pelo estranho e critica a própria sociedade.

A primeira tendência caracteriza-se pela oposição entre animalidade e humanidade. Ela está presente nos discursos sobre o selvagem – seres da floresta – encontrados na literatura dos viajantes desde o século XV, e nas reflexões filosóficas até o século XVIII.

No século XIX o selvagem dá lugar ao primitivo, mas a tendência é a mesma: expulsar da cultura o outro e jogá-lo na natureza. A literatura de viagem está repleta de conteúdos preconceituosos e estereotipados sobre índios americanos e, posteriormente, sobre outros povos como os africanos.

Os índios da América são condenados a permanecer fora da História, falta-lhes alma e racionalidade, são preguiçosos e indolentes.

(\*) Escola de Comunicações e Artes, ECA/USP.

LIMA, Solange M. Couceiro de e BACCEGA, Maria Aparecida. Manipulação e construção da identidade da África negra na imprensa brasileira. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 16-17(1): 157-164, 1993/1994.

Hegel, em 1830, na *Introdução à Filosofia da História*, fala de povos que "jamais ascenderão à História e à consciência"; estão entre esses a América, Ásia e, principalmente, a África. "país do ouro, fechado sobre si mesmo, o país da infância... envolto em cor negra"<sup>1</sup>.

A metáfora zoológica é muito usada no discurso sobre o outro: comportam-se como animais, bestas, não têm alma; os africanos, no século XVIII, chegam a ser comparados a "macacos de zoológico", por Stanley<sup>2</sup>.

Já a outra tendência é inversa mas simétrica: todas as ausências percebidas nessas sociedades são vistas como pontos positivos. A imagem do mau selvagem dá lugar ao bom selvagem. Esse discurso já aparece esboçado em Américo Vespúcio, Colombo, Jean de Lery, Montaigne e ganha grande elaboração com Rousseau no século XVIII.

A imagem do horror opõe-se o fascínio idílico que a vida natural desperta no homem civilizado. Esse imaginário, construído em torno desses dois pólos – de um lado o selvagem animalesco, do outro o mesmo selvagem vivendo paradisiacamente em harmonia com a natureza –, converge no século XIX para justificar a exploração política, econômica e até a necessidade de conversão religiosa que o movimento colonialista dizia ter como bandeira. Desemboca também na sua justificativa científica – o evolucionismo social – que se dedica ao estudo do primitivo. Tendo como paradigma o ocidente da segunda metade do século XIX, o "atraso" das outras sociedades é medido pelo progresso técnico-econômico desse ocidente branco e "culturalmente mais adiantado". Sua missão é levar ao colonizado as "benesses" da civilização e se essa cultura é superior conclui-se que a raça que a elaborou também o é. Assim, na passagem para o século XX, o racismo ganha status de teoria científica e passa a ser o inspirador dos intelectuais dessa fase<sup>3</sup>.

Essa ideologia toda pode ser considerada matriz de vários tipos de representações que existem no imaginário brasileiro até hoje a respeito de diferentes segmentos étnicos que compõem a nossa sociedade. No caso presente, interessa-nos perceber essa matriz atualizada no modo como a imprensa brasileira tratou a África Negra, os africanos e os negros numa situação específica: a da disputa futebolística entre Inglaterra e Camarões, país africano.

Trata-se, pois, de uma reflexão que se situa no que se convencionou chamar de Comunicação Social. Na área da Comunicação Social, em sua inter-

(1) LAPLANTINE, F. *Aprender Antropologia*. São Paulo, Brasiliense, 1988. p. 45.

(2) Idem, p. 42.

(3) LIMA, Solange M.C. *Mulher e Família Negras. Realidade e Representação na obra de Nina Rodrigues*. São Paulo, 1986. Tese (dout.) Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes. (mimeo).

LIMA, Solange M. Couceiro de e BACCEGA, Maria Aparecida. Manipulação e construção da identidade da África negra na imprensa brasileira. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 16-17(1): 157-164, 1993/1994.

secção com Antropologia e Sociologia, existem no Brasil muitas pesquisas e teses que focalizam as representações do segmento negro veiculadas tanto pela mídia impressa (rádio, televisão, jornal, publicidade) como pelas artes (teatro, música, cinema). Especial atenção tem sido dada também à literatura em suas diferentes formas de expressão: ficcional, didática, paradidática, popular e científica. Dentro deste contexto situamos este trabalho, que teve como apoio empírico os seguintes jornais: *Folha de São Paulo*, *Folha da Tarde*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, *O Globo* e *A Gazeta Esportiva*, de São Paulo e do Rio de Janeiro, no período de 2 a 8 de julho de 1990, semana posterior ao jogo em que a Inglaterra eliminou a seleção de Camarões da Copa do Mundo<sup>4</sup>.

Alguns temas afloram deste universo pesquisado.

O primeiro deles é o que toca as questões das relações entre a animalidade e a humanidade. Em várias matérias o time de Camarões é cognominado de "Leões Indomáveis" (AGE de 2/7, JT de 2/7, O GL. de 2/7) ou "leões africanos" (JT 2/7).

Apesar das "garras de leões" (FSP 2/7) eles foram eliminados. Milla, o jogador de maior destaque do time, tem "faro para o gol", numa evidente alusão a uma qualidade animal – a sensibilidade para o cheiro. (AGE 2/7).

Ao considerar surpreendente a trajetória do time africano, usa-se uma colocação muito difundida na cultura brasileira: a de considerar o time africano uma "zebra". A zebra é aquele resultado considerado logicamente impossível de ocorrer numa partida esportiva. Assim, os títulos dos jornais proclamam "Inglaterra acerta o pé e derruba a zebra" (FT 2/7) ou "Zebras não resistem à tradição dos campeões mundiais" (FSP 2/7).

Usando o título "África tem novo status com o rugido dos leões", outra matéria (FSP 2/7) faz um histórico da atuação dos times africanos desde 1934, quando estrearam na Copa do Mundo. Segundo o jornalista, até 1974 as seleções africanas tinham apenas "gatinhos" no campo. As primeiras zebras surgiram em 1982 com algumas vitórias dessas seleções que somente agora aparecem com seus "leões indomáveis". Uma história contada através de metáforas que, como vimos acima, coloca o outro, o diferente, o inferior, no plano da natureza, retirando-o do plano cultural. A metáfora, analogia reveladora do imaginário, "é uma grande criação poética mas pode ser um grande recurso para alguém que não queira falar de um assunto... ou para encobrir um discurso autoritário"<sup>5</sup>.

Um segundo tema que pode ser percebido com grande recorrência nos textos dos jornais pesquisados é o que caracteriza o time africano – evidentemente

(4) Nas citações usaremos as iniciais do nome do Jornal.

(5) BLIKSTEIN, I. O totalitarismo de Collor escondido em seus discursos. *Jornal da USP*. São Paulo, 3 a 9.8.92.

LIMA, Solange M. Couceiro de e BACCEGA, Maria Aparecida. Manipulação e construção da identidade da África negra na imprensa brasileira. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 16-17(1): 157-164, 1993/1994.

seus jogadores – como primitivos, ingênuos, inocentes, moleques. Sua atuação é comparada à magia, ao sonho, à fantasia e até à palhaçada de circo.

Paradigmática dessa posição é a matéria intitulada "Espírito Olímpico não vale na Copa do Mundo" (FSP 2/7). Com o objetivo de defender que na Copa do Mundo é preciso ganhar como numa guerra e não apenas olímpicamente jogar bonito e competir, o Autor escreve: "Os Leões indomáveis estavam no palco errado... esqueceram-se do campo. Pensaram que estavam num picadeiro. Os ingleses, aqueles do futebol feio, levaram o jogo a sério e lembraram-se que para ser campeão era preciso ganhar... Deixaram o show para os palhaços". Em outro trecho, o mesmo Autor escreve: "a racionalidade daria a vitória a Camarões". Mais adiante "inexperiência? ingenuidade? Os Camarões a esta altura não se preocupavam em ganhar. Para eles o topo já havia sido ultrapassado. Eles estavam no mundo da lua". Além de não racionais, o Autor os considera fora do mundo, sem consciência do que lhes acontecia.

Muitas matérias expressam a idéia de que a Copa do Mundo, ao perder Camarões, perdeu também a fantasia desses jogadores que jogavam inocentemente e com ingenuidade. O jogador Milla, escreve um jornalista, tratava a bola como sua filha e o futebol africano é descrito como "primitivo e envolvente". (JT 26/6). Ao perder, levaram embora a alegria da Copa e sua saída foi "a saída de uma alegre caravana". (JT 2/7).

O futebol africano é considerado mágico e de "estilo moleque", mas ao competir perde do futebol "burocrático, heróico, feio e competitivo da Inglaterra".

Admitindo que os africanos jogaram melhor, porém desqualificando a técnica usada por eles, o Autor deste texto afirma tratar-se de "uma magia que os ingleses não conseguiram conter". (O GL 2/7). A seriedade e a racionalidade vencem a molecagem e a magia. Num conjunto de textos que examinam questões ligadas ao negro e sua cultura no Brasil, Borges Pereira sugere que no nosso país o mundo do negro é sempre identificado ao lúdico, ao mágico, ao folclórico e à dimensão não séria da vida nacional<sup>6</sup>.

Perpassando por toda a mídia, podemos captar essa imagem transmitida tanto através de códigos verbais como não verbais: a publicidade oferece exemplos vários de ambas as situações.

O jornal *O Globo* de 2/7 traz como título de página principal "Rufam os tambores por um Rei: Milla". As jogadas desse jogador são descritas como um

LIMA, Solange M. Couceiro de e BACCEGA, Maria Aparecida. Manipulação e construção da identidade da África negra na imprensa brasileira. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 16-17(1): 157-164, 1993/1994.

ritual primitivo. Ele "começa a se aquecer num conjunto de movimentos parecidos com uma exótica dança africana". Os torcedores por sua vez tinham comportamento de quem "se esbalda num baile de carnaval".

O futebol africano é comparado a uma "obra de arte africana". (FT 2/7). Apesar de em muitos artigos o valor do time ser reconhecido, estão sempre presentes as construções em torno da ingenuidade e da infantilidade. (JT 2/7 e FSP 2/7). Ao final considera-se que "o sonho acabou" e com ele "sua formidável aventura através do mundial" (FSP 3/7), "sem mesmo que eles houvessem se dado conta da importância e da ousadia da situação". (JT 3/7).

Outro tema que pôde ser captado, através desse estudo, foi o das representações sobre a África. É a África mítica, exótica, onde tudo é festa, tanto a vitória como a derrota. Essa África é transportada para o Brasil, na medida em que os brasileiros torcem por Camarões e comemoram com eles sua vitória, sua derrota ou não importa o quê.

Matéria publicada no *Jornal da Tarde* sobre o reggae no dia 26/6 tem como título "Camarões e reggae neste divertido caldeirão africano"; refere-se à presença desse tipo de música na noite paulistana como "uma nova e livre invasão africana" que ocorre através não só da música como também através da estética dos cabelos e roupas.

Graças a esse conteúdo místico da África é possível que o jogador se transforme em Deus (FSP 2/7). Os momentos finais da partida em que Camarões foi derrotado são assim descritos: "A África era só coração. E suas batidas foram diminuindo o compasso como um tambor que perde o seu som no final da música"... "A fantasia já não existe mais nesse mundial da Itália".

Na representação desses jornalistas brasileiros a África é o mundo do sonho e seus jogadores encarnam esse sonho, dando um pouco de ilusão e fantasia exótica a um mundo onde prevalecem a seriedade e a razão. A esse mundo de racionalidade os negros africanos, no entender desses jornalistas, não chegaram.

Essa mesma visão estereotipada está manifestada na descrição das comemorações que sucederam o jogo. As festas, segundo os jornais, tanto para os africanos como para os negros brasileiros, tinham o sentido de festejar e beber cachaça, não importando qual o resultado da partida. A seguinte descrição, ilustrada com fotos, relata a festa que a comunidade negra de Salvador, Bahia, realizou durante e no final do jogo: "Bebiam cachaça, cerveja e batida de gengibre, típica da África, para comemorar antecipadamente" e "no final, quando mais conformados, os torcedores procuravam lembrar a campanha de Camarões e afogar a derrota na cachaça". (JT 2/7). Afinal a derrota era do negro africano ou do negro baiano?

Também o jornal do Rio de Janeiro relata a festa dos cariocas que torceram por Camarões "por vários motivos entre eles as raízes étnicas". (O GL 2/7).

(6) PEREIRA, J.B. Borges. Negro e Cultura Negra no Brasil Atual. *Revista de Antropologia*. São Paulo, XXVI, 1983, p. 93-105. Também: A Folclorização da Cultura Negra no Brasil. In: *Memórias Eurípedes Simões de Paula*. São Paulo, 1983.

LIMA, Solange M. Couceiro de e BACCIEGA, Maria Aparecida. Manipulação e construção da identidade da África negra na imprensa brasileira. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 16-17(1): 157-164, 1993/1994.

Ao colocar no título que "Os jogadores fazem festa como se tivessem vencido" (FSP 2/7), o jornalista chama a atenção para esse aspecto lúdico do africano que quer comemorar não importa o quê, nem se ganhou ou perdeu, beirando, portanto, à irresponsabilidade. Várias entrevistas realizadas com jogadores de Camarões apontam, no entanto, para o sentido dessas comemorações: o orgulho de ter representado bem seu país e seu continente. (JT 2/7, FSP 3/7 OESP 3/7).

Outro aspecto que chama a atenção e que de certo modo já foi antecipado acima é o da identificação com o Brasil, expressa em títulos de primeira página de jornal como estes: "Perdemos mais uma. Com Camarões." (JT 2/7). "E a galera perdeu de novo" (JT 2/7). A matéria explica que o Brasil adotara Camarões como seu segundo time e que por isto as festas estavam programadas na Embaixada de Camarões em Brasília e em Salvador, maior cidade negra do Brasil.

O sentido da gíria usada "galera perde" parece claramente apontar que quem perde são os brasileiros pobres, negros, marginalizados e identificados com os africanos, também negros, pobres e dominados. Brasileiros, negros, africanos, baianos, pobres, somos todos parte de um mesmo mundo.

Até aqui pudemos, através de vários exemplos que analisam representações veiculadas em jornais brasileiros, captar preconceitos e estereótipos presentes nos discursos que abordam o país Camarões, o Continente africano e sua população.

Trataremos agora de, usando alguns exemplos de discursos manifestados em entrevistas dos mesmos jornais, perceber contradições aí contidas que demonstram diferentes modos de "ler" o mesmo fato. Usaremos a palavra da crítica futebolística, dos jogadores de Camarões e da Inglaterra e de entrevistados não pertencentes à crítica especializada.

Nas descrições de jogos feitas pelos jornalistas especializados pode-se perceber que, tecnicamente, o futebol da Inglaterra não era superior ao de Camarões; houve uma disputa equilibrada, faltando à equipe africana apenas uma maior experiência advinda de participações mais frequentes em competições mundiais. Além disso o futebol nesse país não é profissional.

Muitos articulistas consideraram injusta a vitória inglesa, atribuem-na à sorte e, embora recheiem suas descrições de estereótipos, consideram o futebol africano um espetáculo belo e competitivo.

As palavras dos jogadores e do técnico inglês referendam essas deduções. Diz um jogador inglês: "a verdade é que eu considerava Camarões time de espetáculo, que encantava a mídia... eles me provaram que são fortes e competitivos". (JT 2/7). Ou então do técnico da Inglaterra: "quem acha que Camarões é fraco, não entende de futebol". (O GL. 2/7). É do mesmo técnico a frase-síntese: "merecíamos perder". (FT 2/7).

LIMA, Solange M. Couceiro de e BACCIEGA, Maria Aparecida. Manipulação e construção da identidade da África negra na imprensa brasileira. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 16-17(1): 157-164, 1993/1994.

É surpreendente que a mesma matéria que considera o jogo emocionante e reconhece a superioridade de Camarões sobre a seleção inglesa, atribua a vitória daquele país à sorte, chame o time de "zebra" e continue tratando os jogadores de ingênuos. (FT 2/7). Inúmeros exemplos poderiam ainda ser arrolados nesse mesmo sentido.

Ainda como contra-ponto a todas as opiniões citadas, que consideram os jogadores africanos palhaços de circo, infantis, irracionais, alienados e preocupados somente com festas, temos um conjunto de entrevistas com esses jogadores que claramente nos dão outra versão. Declaram-se abatidos pela derrota, com esperanças para a próxima Copa e em todos os momentos demonstram que se consideram representantes não só de seu país como de seu continente, destacando sempre o orgulho de poder representar a África. Sem fugir de fazer a auto-crítica, consideram-se ainda assim orgulhosos de chegarem até onde chegaram, sempre em nome de seu continente.

A manifestação de orgulho de sua identidade étnica é clara nesses depoimentos, que podem ser encontrados em diversos jornais (JT 2/7, FSP 3/7, OESP 3/7 por exemplo). Do jogador Milla: "o resultado de Camarões tem grande importância não só para o nosso país como para todos os africanos. Camarões é útil a todo o continente africano. Eu joguei este mundial para a África". (FSP 3/7). Ou então de outro jogador: "pode ser a gente, o Egito, a Argélia ou a Nigéria, isto não importa". (JT 2/7).

Essa noção de africanidade, manifestada através de esporte, denota forte consciência étnica, o que certamente não pode ser compatível com as descrições estereotipadas de nossos jornalistas, que consideram os africanos alienados e "palhaços de circo". (FSP 2/7).

Opiniões do que poderíamos chamar de crítica não especializada, constituída de artistas, cantores, músicos, expressam atitudes preconceituosas, manipulando estereótipos de modo às vezes negativo, em outras positivamente. Como exemplo: "não estou acompanhando de perto essa Copa... mas acho a equipe de Camarões engraçada, simpática e despreparada para uma Copa do Mundo". Ou então: "o futebol de Camarões é alegre, mas ingênuo, um futebol amador"...

De outro lado, quem torceu para o time desse país declara-se "triste" "arrasado" com a derrota. Segundo famosa atriz do teatro brasileiro: "esse jogo seria uma ótima vingança dos colonizados contra os colonizadores". (FSP 2/7).

Dentro dessa mesma linha, Luís Fernando Veríssimo escreve: "o valor simbólico de uma vitória de Camarões sobre a Inglaterra seria superior a todos os detalhes da partida"... "com a derrota de Camarões prevalecem e passam para as semifinais o velho poder, a ortodoxia, a tradição e a lógica, no caso representada pela Alemanha, Inglaterra, Argentina e Itália. Nenhum muro caiu. O futebol talvez seja um dos últimos bastiões do conservadorismo no mundo". (OESP 3/7).

LIMA, Solange M. Couceiro de e BACCEGA, Maria Aparecida. Manipulação e construção da identidade da África negra na imprensa brasileira. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 16-17(1): 157-164, 1993/1994.

Através do futebol também podemos revisitar, reavaliar e quem sabe reverter as relações dominado-dominante. Quem sabe?

**ABSTRACT:** The authors deal with the Brazilian point of view on Africa through a research in newspapers of S. Paulo and Rio de Janeiro, taking as subject the participation of Africa in the world championship of football 1990.

*África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 16-17(1): 165-176, 1993/1994.